



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: **Talhaba** — Lisboa • Telefone 5339

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A PROPÓSITO DUM MANIFESTO

A nota oficiosa do Comité Confederal

Na última reunião do Conselho de Delegados da U. S. O. discute-se a resolução anteriormente tomada

Saibam quantos...

Com a ratificação pelo Conselho Confederal da já agora célebre nota oficiosa do Comité, essa nota deixou de ser do Comité Confederal para ser da C. G. T.

A aprovação da nota sem restrições e por unanimidade, deve ter desfeito todos os boatos tendenciosos e entrecortados, senão envenenados, aqueles que, acreditando nesses boatos, rejubilavam já com a esperança de desaparecimento, ou pelo menos, da cisão da organização operária portuguesa. E perante a afirmação eloquente da unidade dos trabalhadores, da coerência dos seus princípios, revelada neste incidente, a imprensa burguesa que ludibriou os seus leitores com a notícia sensacional do desaparecimento da C. G. T. devia, se a sua função de informar o público fosse honesta, e a sua atitude para conosco fosse imparcial e justa, noticiar também com verdade como foi liquidado o incidente, encabecendo a notícia, compondo os nos mesmos garrafais caracteres gráficos, com os não menos sugestivos títulos: *A C. G. T. encontra-se cada vez mais forte e robustecida.*

Porque, de facto, é esta a conclusão única a tirar da imponente manifestação de solidariedade que o Comité Confederal recebeu de todos os organismos confederados, pela sua alvita atitude de defesa do sindicalismo revolucionário.

O incidente, que não tomou, afinal, maiores proporções que de um simples episódio natural na vida do movimento proletário neste período de rescaldo da agitação produzida pela grande guerra, serviu para tomar o pulso à coesão, às convicções e à orientação do proletariado organizado do país. E não podia ser mais animadora a constatação do que se auscultou, do que se sentiu, do que se pôde observar e concluir.

Constatou-se, com efeito, que o operariado organizado mantém íntegro o seu espírito nitidamente revolucionário, de luta de classes e acção directa; que a organização operária não quer, não admite, nem se sujeita a qualquer tutela mediática ou imediata; que o operariado persegue com o mesmo afino o seu ideal de emancipação, não de uma classe mas da humanidade toda; que as aspirações populares são sinceras e profundamente libertárias.

A constatação destes factos só poderia surpreender aos que vivem afastados do povo, aos que se alheiam das reclamações e das aspirações dos que trabalham, aos que das suas redacções observam os nossos movimentos e pontilham com uma petulância ousada, sobre questões que a sua cultura não abrange e que o seu espírito rotineiro não pode compreender. A estas horas *A Manhã*, que, há dois ou três dias, dizendo que chegava a vez da cisão à C. G. T., recordava uma discussão com *A Batalha* há tempos mantida para concluir que o incidente de agora vinha confirmar a doutrina por ela pregada, a estas horas *A Manhã* deve ter desfeito o sorriso com que desdenhava do nosso enfrenhamento na lição dos nossos teóricos. Tentou *A Manhã* provar-nos a impossibilidade de abstrair das conquistas políticas, mas, como acaba de constatar, os factos, ainda desta vez, sorriram desdenhosamente dos seus vaticínios.

Não, meus senhores. A organização operária, já agora, não é possível de desaparecer. Percam, pois, os nossos ilustres adversários, toda a esperança em assistir aos seus funerais, que ela há-de ser, embora isso muito lhes custe — o coveiro da sociedade burguesa.

C. G. T. Em torno da Rússia

Secção das Federações

Reúne hoje pelas 21 horas esta secção para tratar de assuntos urgentes, sendo imprescindível a presença dos sindicatos nacionais e isolados.

Operários estrangeiros na Rússia soviética

O «Novyi Mir» escreve: A crise económica, que actualmente atravessam os países capitalistas, traduz-se por um facto curioso: A emigração dos operários desses países para a Rússia. Infelizmente, um grande número de operários que empreenderam a viagem, sem a autorização dos representantes dos bolchevistas no estrangeiro, não são operários habilitados, contribuindo assim a sua presença para agravar a crise de alojamento e alimentar. Só da América vieram 8534 emigrantes russos. Na Rússia, o que falta, sobretudo, são operários especialistas, e o governo dos soviets procura por isso facilitar a viagem a todos que estejam nestas condições. Chegaram já muitos grupos de operários à Rússia, sendo principalmente os operários alemães que manifestam mais este desejo. Os operários especialistas são empregados nas fábricas-modelos, tendo aqueles que já lá trabalham contribuído bastante pela sua experiência e pelo seu exemplo para lhes aumentar o rendimento. — (Rosta Wien.)

Movimento grevista na Hungria

VIENNA, 23. — O «Népszava» anuncia um movimento grevista entre os operários do norte da Hungria.

Em Angazlos, os operários recusaram trabalhar, declarando: «os verdadeiros proprietários da terra. As autoridades chamaram as tropas, que abafaram em breve este movimento. — (Rosta Wien.)

Cria-se em Paris um Comité para socorrer os sábios e artistas russos

PARIS, 28. — Criou-se um Comité para auxiliar os sábios e artistas russos. No número dos organizadores está o professor Paul Boyer. Entre os membros da comissão executiva estão o sr. Barthelot, Borelli, Hennessy, Pierre Milie e a condessa de Noailles. Um telegrama expedido de Petrogrado diz que os primeiros socorros enviados pelo Comité já chegaram aos seus destinatários. Os estatutos deste Comité interdiem-lhe toda e qualquer acção de ordem política, religiosa ou social. Os seus membros guiam-se apenas por um largo pensamento humanitário. Uma comissão executiva de 15 membros assegurará a administração da Associação. A assembleia reunirá uma vez por mês ou quando for convocada pelo secretário geral, quando este o julgar útil. O secretário geral é o tesoureiro, tem todos os poderes para receber donativos ou cotizações. Um conselho fiscal de 5 membros reunirá uma vez por mês para verificar as contas, sendo também convocados mais a título de necessidade. O Comité supõe que a sua acção será de utilidade. — Rádio.

Os crelores ingleses do antigo império

MOSCÓVIA, 27. — Dizem de Londres que se formou uma sociedade de crelores ingleses neste país, que reatara relações com as organizações similares da Europa. A primeira reunião está convocada para breve e nela se propôs tratar, brevemente, perante a Câmara dos Comuns, do assunto dos créditos particulares russos. — Rádio.

A solidariedade operária

A Associação de Classe dos Descarregadores de Mar e Terra de Almada, na sua última reunião, tratou da situação dos camaradas Alexandre Vieira e Alfredo Marques.

Nessa reunião o camarada Tomás S. Negôcio propôs que o sindicato concorresse com uma cota mensal para aqueles camaradas por todo o tempo que estiverem doentes. O camarada Pelágio A. Moreira, depois de várias considerações, propôs que a cota seja de 10800 mensais, sendo as duas propostas aprovadas por unanimidade.

A esquadra americana

Largou ontem, pelas 6 horas, do Tejo, a esquadra americana, ficando ainda um cargueiro e o navio carvoeiro.

Pelas vinte e duas horas de terça-feira abriu a sessão, com a representação dos seguintes sindicatos: S. U. Metalúrgico, Inscritos Marítimos, Impressores, Tipógrafos, S. U. Mobiliário, Empregados de Escritório, Pessoal do Depósito de Fardamentos, Cortadores, Calceiros, Manipuladores de Pão, Alfaiates, S. U. Construção Civil, Compositores, Tipógrafos, Barbeiros, Manufatureiros de Calçado e Trabalhadores de Imprensa.

Presidiu José Corvo, delegado dos Calceiros, secretariado Carlos Henriques da Fonseca, dos Inscritos Marítimos, e Júlio Dias Afonso, dos Cortadores. Lida a acta n.º 39, falam sobre a mesma, aclarando algumas das suas passagens, os delegados Artur Bastos, Alexandre Assis e José Corvo, sendo em seguida aprovada por unanimidade.

Discute-se a acta do último Conselho

Eduardo Jorge diz que, não tendo assistido — por impossibilidade absoluta — à reunião da comissão administrativa realizada no último domingo, desconhece as razões por que esta reunião do Conselho se convocou, e se fez o convite foi porque isso lhe comunicaram à última hora, e nestas condições é necessário que qualquer outro membro da comissão ilicite o Conselho.

Raul Baptista, em nome da comissão administrativa, diz que, em virtude de certos factos que se passaram por motivo da última reunião do Conselho, requer que seja lida a cópia da acta dessa reunião.

O requerimento é admitido. Procedendo-se à leitura da referida acta, fala sobre ela, em primeiro lugar, Raul Baptista, que diz que pela sua leitura os delegados podem ver que na última reunião não foi aprovada a moção de Carlos de Araújo, mas sim a questão prévia do camarada Alberto Monteiro, que requeria que fosse enviado um ofício à C. G. T. a fim de ser esclarecida a parte da acta que chama *videirinhos* a elementos da organização. Como nesta altura se estabelecem dúvidas, e se emita a opinião de que a acta faça parte da ordem dos trabalhos, resolve-se que os delegados falem só sobre as rectificações que a acta necessita.

Eduardo Jorge diz que a acta tem algumas faltas e, assim, o delegado que se nomeou não foi para uma sessão a efectuar no dia 24 mas sim no dia 31 do corrente. Sobre a parte em que se refere ao seu pedido de demissão, esclarece ter sido Carlos de Araújo que disse que ele, orador, Jorge devia lembrar do facto de a comissão administrativa haver tomado o compromisso de não enviar a C. G. T. a acta, mas a mesma comissão o acompanhara, demitindo-se também. Declara ainda que, se propôs o envio do ofício à C. G. T. sobre o que nessa reunião se passou, foi pelo facto de os delegados não poderem comparecer à reunião do Conselho Confederal.

Artur Bastos esclarece não ter afirmado que se a C. G. T. não retirasse a palavra *videirinhos*, o seu sindicato sairia da União. Ele, delegado, é que pediria a sua demissão e então o seu sindicato que nomeasse outro para o substituir.

Alberto Monteiro diz ter apresentado uma questão para que fosse tratado no Conselho Confederal o assunto da nota oficiosa e foi isso que deu motivo a Eduardo Jorge propor que se oficiasse, em virtude da União não ter presente ali os seus representantes.

Alexandre Assis diz que, se se retirou antes de a sessão encerrar, não foi por não querer votar, mas porque se sentia bastante incomodado com o que se estava passando.

António Gomes Ribeiro, nesta altura, requer que depois de lido o expediente se entre imediatamente na ordem dos trabalhos. É admitido.

Alberto Monteiro requer que seja primeiramente lido o expediente que se refere à nomeação de novos delegados. É igualmente admitido.

A atitude dos sindicatos perante a nota

Em seguida lê-se um ofício do S. U. Mobiliário, que nomeia seu delegado adjunto o camarada Manuel Nunes, em substituição de Manuel Camarinha, que se encontra doente. Foi aceite pelo Conselho. Outro ofício do Sindicato dos Manufatureiros de Calçado, que nomeia seu delegado adjunto o camarada Jerónimo de Sousa em substituição de Aristides Ferreira. Sobre este documento, Raul Baptista nota que, segundo o ofício, foi o mandato retirado a esse delegado por ele ter aprovado a proposta que repudiava a nota da C. G. T., o que não é verdadeiro, como se conclui da leitura da acta.

António Gomes Ribeiro frisa que os sindicatos tem o direito de retirar os mandatos aos seus delegados, quando entendam dever fazê-lo.

João Ferreira Cabecinha é também da mesma opinião, mas com a diferença de que não devem os sindicatos basear-se em falsidades para assim procederem.

Artur Aleixo de Oliveira começa por protestar contra as últimas palavras do camarada Cabecinha, pois entende ter sido essa delegação muito bem anulada visto que o delegado em questão aprovou que fosse enviado um ofício à C. G. T. por se ter retirado da nota a palavra *videirinhos*, que o seu sindicato considera bem cabida. Além disso, na

reunião que se realizou no mesmo sindicato, esse delegado declarou não estar de acordo com a nota da C. G. T. Foram estas razões que motivaram o seu-lhe retirada a delegação, no uso dum direito inalienável.

Dadas estas explicações, o Conselho resolve, por unanimidade, aceitar o camarada Jerónimo de Sousa, com uma declaração de voto do camarada Cabecinha, resolvendo-se também que o mesmo ofício ficasse para fazer parte da ordem dos trabalhos.

São depois lidos ofícios do S. U. Mobiliário, que comunica estar de acordo com o conteúdo da nota da C. G. T. e repudia o que se resolveu na última reunião do Conselho da União; do Sindicato do Pessoal da Carris de Ferro aprovando a nota da C. G. T.; do S. U. da Construção Civil concordando com a nota e comunicando que a sua assembleia apoiou a conduta dos seus delegados, ratificando-lhes a sua confiança.

É lida também uma carta de Carlos de Araújo, que se demite de secretário geral, ficando apenas como delegado.

Eduardo Jorge a propósito de umas considerações de Alberto Monteiro, esclarece a razão porque não assistiu à nota a discussão da última reunião e à aprovação da questão prévia. Procedeu assim porque motivos particulares e fortes o obrigaram a retirar-se e não porque não quizesse tomar a responsabilidade. Explica também o motivo de ofício enviado à C. G. T. não ter sido redigido conforme o resolvido na reunião do Conselho, apresentando razões tendentes a demonstrar que não foi ele o culpado.

É apreciada a atitude de alguns delegados

Jerónimo de Sousa diz ter pena de não estar presente o delegado que veio substituir, visto que ter afirmado no seu sindicato que a União resolveria rejeitar a nota da C. G. T., que também reprovava e que, se o sindicato não concordasse com a sua atitude lhe retirasse a delegação. Continuando, Jerónimo de Sousa diz que, nesta ordem de lida a acta, foi feita no sentido de contradizer o ofício do seu sindicato ou se o seu antecessor não explicou como devia o que a União se resolveu.

Alberto Monteiro não compreende como o S. U. da Construção Civil enviou um ofício apoiando a atitude dos seus delegados, quando esses camaradas não votaram a nota da C. G. T. a não ser que tivessem declarado o contrário. Explica em seguida não ter sido nessa reunião aprovada a moção de Carlos de Araújo, mas sim a sua questão prévia, como diz a acta. La-tima não estar presente Carlos de Araújo para apreciar as suas declarações, e declara ter ficado surpreso quando soube que quem fez o ofício foi Eduardo Jorge e não Carlos de Araújo.

Artur Bastos diz não ter culpa de haver delegados que por falta de atenção não tivessem reparado no que foi resolvido, porquanto ele, orador, não aprovou que a nota da C. G. T. fosse repudiada, como diz o ofício enviado à C. G. T., mas sim a questão prévia de Alberto Monteiro. A não ser assim, teria aprovado a moção de Carlos de Araújo.

Raul Baptista extranha que haja delegados que vão para os seus sindicatos dizer o contrário do que na União se passa. Dá a sua palavra de homem em como o que se passou é o que está exarado na acta da referida sessão e, portanto, ou esse camarada não esteve com atenção ou andou com má fé. Referindo-se também à nota, diz que ainda não está de acordo com o que diz respeito à palavra *videirinhos*, pois ela tem dado azo a que alguns organismos tenham enviado telegramas à C. G. T. dando-lhe o sentido de que eles existem na organização operária. Por isso não está de acordo com essa passagem da nota, nem com a que afirma que o sindicalismo não é uma colaboração de classes.

Sobre estas duas passagens é que aprovou a questão prévia e não a moção de Carlos de Araújo. É de parecer que a U. S. O. deve enviar uma nota para a imprensa de forma a aclarar como os factos se passaram.

António Gomes Ribeiro lastima que C. de Araújo não comparecesse a esta reunião, o que não devia fazer, pois esse camarada é de agora alguns delegados desejam, segundo a velha expressão popular, *virar o bico ao prigo*. Na reunião passada, C. de Araújo, a certa altura, chamou a atenção dos delegados dizendo: «Vamos a contemporizar. Aqueles que aprovam a nota da C. G. T. dizem *aprovo*, e os que não aprovam dizem *rejeito*. Isto deu-se nessa reunião. Nota ainda o facto de alguns delegados não quererem reconhecer que erraram, como, por exemplo, C. de Araújo, que não compareceu a esta reunião. Declara ter aprovado a nota da C. G. T. No seu sindicato exporá a atitude que tem mantido dentro da União e o sindicato apreciará se é boa ou má.

Alberto Monteiro, em virtude das últimas declarações do camarada Ribeiro, apresenta uma questão prévia com os seguintes termos: «Requerio que se leia a acta na parte em que se encontra a confirmação de que o camarada Ribeiro aprovou a nota do Comité Confederal.»

Na reunião do Conselho Confederal

O que disse o delegado da U. S. O. de Olhão

O adiamento da hora a que terminou a reunião do Conselho Confederal, impediu-nos reduzir o extracto dos discursos pronunciados. Como um dos oradores mais prejudicados com essa redução forçada fosse o camarada Gil Gonçalves, delegado da U. S. O. de Olhão damos hoje do seu discurso mais desenvolvido relato. Disse o camarada Gil Gonçalves entender que a nota do Comité Confederal consubstancia todos os princípios da organização operária portuguesa, aprovados nos seus congressos. Entende que a organização operária se basta a si própria, ou bastará para organizar a Revolução, quando dentro da Confederação Geral do Trabalho se procure, acima de tudo, trabalhar, mas trabalhar com consciência, com inteligência e com sinceridade. Condenou a acção de alguns militantes que aliam a ignorância e ao desconhecimento dos objectivos do sindicalismo.

O primeiro Congresso da Internacional Sindicalista vermelha

Inaugurou-se nos primeiros dias deste mês em Moscú com a representação de 20 países

Inaugurou-se em Moscú no dia 4 de Julho o primeiro congresso da Internacional Sindicalista Vermelha, a que assistiram 200 delegados, representando 20 países.

Foram lá discutidas as seguintes questões:

- 1.º Actividade do conselho Internacional dos Sindicatos Vermelhos. Relator: Rosmer.
- 2.º Crise mundial do movimento sindicalista; a missão e a táctica dos sindicatos. Relatores: Bucarine e Losovski.
- 3.º Os sindicatos e os partidos; a Internacional Sindicalista e a Internacional Comunista. Relatores: Zinoviev e Rosmer.
- 4.º As Federações Sindicalistas e os conselhos de fábricas. Relator: Hecker.
- 5.º As Federações Sindicalistas e o controle da produção pelos operários. Relator: Ziperovitch.
- 6.º A falta de trabalho. Relatores: Bell e Watkins.
- 7.º Questões de organização. Relator: Losovski.

Discurso de abertura pronunciado por Rikov em nome dos operários russos

Rikov abriu o congresso em nome dos operários russos pronunciando o seguinte discurso:

«Cabe-me a mim a honra — disse Rikov — de saudar o primeiro Congresso Internacional dos Sindicatos Vermelhos. O acontecimento é tanto mais importante, porque corresponde ao momento em que o movimento operário internacional entra no caminho revolucionário. A classe operária russa, em consequência das suas tradições e dos seus laços com o partido político, conseguiu vencer antes dos outros a sua burguesia, mas nós não podemos tornar mais forte o poder dos trabalhadores, e consolidar definitivamente as nossas conquistas, senão com o auxílio do proletariado mundial. A nossa missão é a reconstrução dos organismos de economia nacional, e é só em parte que a nossa luta se assemelha à vossa; só na luta contra a tentação feita pela burguesia mundial para nos aniquilar. O proletariado russo não é ainda suficientemente forte e numeroso, para que os sindicatos operários possam alcançar vencer os obstáculos e alcançar um sucesso final. Um outro esforço ao nosso desenvolvimento, foi o bloqueio. Mas graças ao auxílio do proletariado internacional, que impediu a burguesia de nos estrangular, e ao heroísmo do exército vermelho dos operários e camponeses, conseguimos pôr-lhe um termo. Agora a nossa tarefa de nacional transforma-se em internacional.»

Tivemos de nos ocupar da unificação das forças revolucionárias do Ocidente. A nossa fraquesa é uma consequência da fraquesa do movimento proletário mundial; a nossa força comum estará na união do movimento russo com o movimento internacional. O auxílio que nos prestaram os nossos camaradas da Europa ocidental permitiu-nos acabar com o bloqueio económico. Agora devemos todos em comum vencer o bloqueio do capital mundial, dirigido contra a classe operária do mundo inteiro. Se seguirmos os últimos movimentos operários, só vereis greves, lutas e falta de trabalho.

O presente congresso tem uma importância imensa como a primeira tentativa para reunir e armar todas as forças isoladas, que é fácil vencer quando estão divididas, mas que é impossível fazer-lhe, quando formam um só bloco. A fim de evitar novas derrotas e de poupar as forças da classe operária, é necessário abandonar o caminho traçado por Amsterdam. Contra o espírito estreitamente corporativo, e contra o espírito de conciliação com a Interna-

lismo revolucionário uma má fé que há necessidade de fazer desaparecer. «Não me preocupo — disse o orador — que a Revolução, com «R» grande, só venha, como diz Cardoso, no ano 3000. O que eu quero é que a Revolução seja uma revolução social, e para isso é necessário que os que são ignorantes e maus façam dentro de si uma revolução no sentido de se tornarem conscientes e inteligentes. A constituição do Partido Comunista é-me tam indiferente quanto o pode ser para um anarquista a organização dum partido político. Mas não quero guerras-las. Entendo mesmo que ele pode ser útil dentro do campo político, sem contudo, que se adira a ele, porque entendo que seria isso sair do campo de acção que me ditam as minhas ideias.»

«Numa das últimas sessões do Conselho, da qual saí horrorizado com a barbaridade do que lá disseram alguns delegados que enfileiram na nova corrente, Joaquim Cardoso, referindo-se aos «puritanos» disse que o Conselho precisava «vassoura». Eu estou de acordo com Cardoso. O Conselho precisa, realmente, vassoura. Mais do que vassoura — barreira e água bem limpa e pura prezam as almas, os espíritos de Joaquim Cardoso e outros.»

Telegramas e comunicações

Federação do Livro e do Jornal

Este organismo, interpretando o sentido dos sindicatos seus aderentes, ex-

cional amarela de Amsterdam, devemos dirigir o espírito revolucionário.

Em seguida, foi dada a palavra a Hausting, representante dos operários da Alemanha, Áustria e Suíça.

Fez notar que os delegados alemães que assistem ao Congresso não são funcionários de sindicatos com espírito burguês, mas verdadeiros trabalhadores das fábricas e oficinas.

Os dirigentes dos antigos sindicatos, todos embuídos do espírito reformista, tinham tomado todas as medidas para que a classe operária alemã não fosse representada no Congresso de Moscú, mas, apesar de todos os seus esforços, os operários revolucionários da Alemanha elegeram os seus representantes.

Defendendo-se sobre a crise na Alemanha, afirmou que ela não era passageira, mas crónica. Esta crise força a classe operária a tornar-se mais enérgica nas suas reivindicações.

Os antigos chefes, aderentes à Internacional de Amsterdam embalam a classe operária com a esperança de obterem satisfação às suas reclamações por meio de compromissos e de negociações com os patrões e com os governantes. Esta esperança é irre realizável, e quando estejam desfeitas as ilusões de colaboração entre o proletariado e a burguesia, os operários alemães passarão todos imediatamente para o campo da Internacional Sindicalista Vermelha.

Hausting exprimiu a certeza de que no congresso o proletariado mundial encontraria a linguagem comum e elaboraria o programa dos trabalhos a executar. Não se poderá obter a vitória total senão trabalhando na Internacional Comunista. Só a união completa de todas as organizações revolucionárias é que nos pode assegurar a vitória final sobre o inimigo da nossa classe.

Homenagem a Clara Zetkin, que completou 65 anos de idade

No começo da sua sessão de 5 de julho, fez o congresso ovação calorosa a Clara Zetkin, que fez nessa data 65 anos. Hecker, em nome do partido comunista unificado da Alemanha, saudou nestes termos a velha revolucionária:

«Logo na sua juventude, Clara Zetkin uniu-se ao movimento operário, e até ao presente tem-se conservado um militante fiel e desinteressado da causa revolucionária. De todos os tempos militou ela na ala esquerda da social-democracia alemã. Durante a guerra, tomou parte no movimento dos espartaquistas e foi eleita, depois da constituição do partido comunista unificado, membro do comité central deste partido. Clara Zetkin é um dos militantes mais corajosos da Internacional Comunista, e ao mesmo tempo um dos chefes mais estimados do grande exército proletário.»

Clara Zetkin, em seguida, aclamada por toda a assembleia, respondeu, comovida, nos seguintes termos:

«Tudo o que pude dar à revolução devo-o às teorias e à acção dos alemães, assim como aos exemplos dos camaradas franceses e ingleses, mas a minha moral revolucionária — e ficar-lhe-hei eternamente reconhecida — devo-a à social-democracia russa — aos bolchevistas. No meu coração não existe agora senão um desejo: trabalhar e lutar, a fim de que possa, antes da minha morte, ver triunfar a revolução na Alemanha e nos outros países. A recompensa do meu trabalho será a revolução do proletariado e a vitória do proletariado revolucionário.»

Loriot, em nome do Congresso, dirigiu algumas palavras comovidas a Clara Zetkin, dizendo que a revolução mundial está em marcha, e que a libertação completa do proletariado será a recompensa suprema dos seus esforços.

traordinariamente reuniões para se pronunciarem sobre a nota oficiosa do Comité Confederal da C. G. T., e fiel às resoluções do Congresso de Coimbra, resolve dar todo o seu apoio à citada nota, visto ela defender os princípios de independência do sindicalismo consignados nos congressos nacionais operários já realizados.

Federação da Indústria de Calçado, Couros e Peles

Na última reunião do conselho federal desta Federação, convocada extraordinariamente para apreciar a nota oficiosa da C. G. T., em resposta às afirmações contidas num manifesto do Partido Comunista, sendo a nota posta à discussão, fizeram sobre ela considerações os delegados de Vila do Conde, Lisboa, Alcanena, Coimbra e o secretário geral, e depois de discutida acaloradamente, foi aprovada a moção já publicada em *A Batalha*, dando a sua adesão à nota oficiosa tal qual estava redigida.

Litógrafos e Anexos

Reuniu a Comissão Administrativa, juntamente com os delegados de classe a U. S. O.

Depois de apreciados vários assuntos de interesse para a classe, foi apreciada a nota oficiosa do Comité Confederal, publicada em *A Batalha* de 17 do corrente, sobre a constituição de um novo partido político, e um ofício da Federação do Livro e do Jornal, para se esclarecer a nossa orientação sobre o mesmo assunto.

Falaram alguns camaradas, arguen-

